

Consciência

Roberto Godoy

Quando o poeta canta em versos “você não sabe o que é consciência, não vê que eu sou um pobre rapaz” e o médico anuncia “o efeito da anestesia está no fim, o paciente logo recobrará a consciência”, certamente eles referem-se a coisas diferentes. No primeiro caso, o pobre rapaz quer que sua mulher, que não é a Amélia, tenha escrúpulos e, no segundo, o médico avisa que o paciente está acordando. Consciência tem, ainda, outras concepções, todas transmitindo conceitos perfeitamente inteligíveis, ao menos intuitivamente.

O grande problema é entender a consciência no sentido de nossa vida interior, o “self” dos neuropsicólogos também adotado por Antonio Damásio, e que representa o conjunto de nossa memória e de nossas emoções, a base de nossa individualidade.

O assunto tem preocupado filósofos, psicólogos, neurofisiologistas e, até mesmo, físicos; perpetuando uma polêmica que, por vezes, esbarra na confusão entre as diversas concepções do que é consciência.

Aristóteles afirmava que seria ela o que permite ao ser humano tomar decisões no sentido do que é certo, evitando o errado. Rousseau, muito tempo depois, emite igual opinião.

William James supunha que fosse uma não-entidade que, decididamente, não poderia ser considerada uma coisa. Ia além, afirmando que aqueles que ainda se apegassem a ela estariam apegando-se a um mero eco, um pálido rumor deixado para trás pela alma e desaparecendo no ar da filosofia. Para Sartre, é o nada, o vazio total, uma vez que o mundo todo está fora dela e pode ser criada a partir de escolhas da pessoa.

Os físicos ligam a consciência aos mecanismos quânticos que ocorrem nos microtúbulos internos das células nervosas.

Os neurocientistas têm tratado a consciência mais pelo que ela não é do que aquilo que ela possa ser. Elencam várias atividades intelectuais relacionadas ao seu conceito: a atenção e a capacidade de mudar voluntariamente a direção dessa atenção; a criação de idéias abstratas e o convívio com elas, assim como sua expressão por meio de palavras e símbolos; a capacidade de prever a significação de um ato, de ter, portanto, expectativas e planos; o conhecimento de si próprio e dos outros; a presença de valores éticos e estéticos. Reconhecem, entretanto, que isso não esclarece a maioria das dúvidas.

A consciência é, certamente, um estado intelectual do ser humano. Há situações em que se pode claramente caracterizar o estado de consciência. Pode-se, ainda, relacioná-lo com uma atividade elétrica cerebral média, pois, quando essa atividade está reduzida a um mínimo, como na anestesia, ou quando é



exagerada, como numa convulsão, não há consciência possível. No entanto, outros episódios da vida humana não são fáceis de caracterizar. Assim, a ilusão, a alucinação, o delírio, o engano da memória, o sono e a doença mental deixam dúvidas a todos os que se preocupam com esse assunto.

Se a consciência está ligada à atividade elétrica cerebral, ela também estará presente em outros seres vivos. De fato, exceto pela linguagem (apanágio do ser humano), muitas das atividades intelectuais interpretadas como consciência estão presentes em animais. Há quem acredite haver uma consciência das plantas, mas isso soa mais como um jogo de palavras do que como algo próximo da realidade. No desenvolvimento filogenético, a consciência começa a surgir no momento em que a atividade neuronal rudimentar não se presta mais a manter o organismo e representa uma evolução darwiniana em busca de adaptação ao meio ambiente.

A abordagem da consciência pode ser feita por inúmeros ângulos diferentes, mas quase sempre por método passivo de pesquisa. Na verdade, por mais que tentemos juntar todos esses aspectos não teremos o todo, pois, certamente, a consciência é gestáltica. Melhor considerarmos como um conceito intuitivo do qual conhecemos perfeitamente o significado, mas não sabemos como explicá-lo, assim como fizeram Euclides e seus discípulos que construíram toda a geometria, baseados nos conceitos puramente intuitivos de ponto, reta e plano.

Precisamos ter consciência de que é a nossa consciência que nos induz a agir com consciência e sermos homens ou mulheres de consciência.

Roberto Godoy

é neurologista, ex-presidente do Conselho Regional de Medicina

Epitáfios

José Carlos Barbuio

O que você gostaria que escrevessem em seu túmulo? Perguntei isto a um amigo, e ele respondeu, na lata: “Aqui jaz Guilherme da Silva, **absolutamente contra a sua vontade**”. Ouvi muitas histórias a respeito do assunto. Um conhecido disse-me que existe, num cemitério de Paris, um túmulo com a seguinte inscrição: “Aqui jaz o Senhor fulano de tal, bom pai e bom esposo. Sua viúva inconsolável continua atendendo em sua loja à rua tal, número tal”. Ou seja, a família não queria correr o risco de perder a clientela de sua “lujinha”. Arthur de Azevedo chegou a escrever o seguinte epitáfio de um amigo, que havia morrido “namorando”.

“Encobre esta lápide fria
Os pobres restos mortais
Do esposo melhor que havia
Pois morreu quando cumpria
Seus deveres conjugais.”

Comentando o assunto, lembro-me da famosa piada do Salim, que é mais ou menos assim: No cemitério, uma mulher vestida de preto, véu na cabeça, lamentava-se, ajoelhada ao lado de um túmulo:

– Salim, meu querido! Por que você foi me abandonar? Estou sentindo tanto a sua falta, Salim! As crianças não se conformam com a sua morte! Oh! Salim! Que desgraça que foi acontecer com a gente!

Nesse instante, um senhor passa pela mulher e nota que a inscrição na lápide dizia: “Aqui jaz Jacó”. Comovido ao ver a mulher tão transtornada, aproximou-se e falou:

– Desculpe, a senhora deve ter se enganado de túmulo. Nesse aí está escrito Jacó!

– Não me enganei não, cavalheiro! É que Salim nunca punha nada no nome dele!

Com relação ao tema, existe ainda o caso, muito famoso, ocorrido em Piraçununga. Trata-se de Francisco Fran-

co de Sousa, colaborador do jornal local, homem culto, cujo apelido era Chico Sombração. Ele próprio escreveu seu epitáfio, deixando-o com a família, antes de sua morte e que assim dizia: “Bí-

pede, meu irmão: eis o fim próximo de um espermatozóide de oitenta anos, penetrou num óvulo, iniciou seu ciclo evolutivo e acabou virando carniça”. Mas o prefeito da cidade entendeu que esta inscrição deveria ser censurada. E simplesmente mandou arrancar do túmulo de Chico Sombração as palavras que considerara contrárias aos sentimentos religiosos e desrespeitosas aos mortos. O filho do autor do epitáfio recorreu à Justiça, para restaurar os dizeres, zelando pelo cumprimento da vontade paterna. O Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo lavou as mãos, dizendo que o prefeito praticara “um ato para o qual é o único competente”. Uma pena!

José Carlos Barbuio
é advogado e escritor

Biomédico, um profissional a serviço da saúde

(Direito de resposta concedido ao Conselho Regional de Biomedicina)

Marco Antonio Abrahão

“O CONSELHO REGIONAL DE BIOMEDICINA – 1ª REGIÃO, por seu Presidente, DR. MARCO ANTONIO ABRAHÃO, respeitosamente vem a público, não se conformando com os termos do artigo do professor JORGE MICHALANY, intitulado: “BIOMÉDICO, UM AEPYORNIS REVIVIDO NA MEDICINA”, inserido no SUPLEMENTO CULTURAL, pág. 3, da respeitável REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA, edição nº 555, de abril (IV) de 2005, oferecer resposta ao referido artigo, tendo em vista que as referidas manifestações impõem aos profissionais BIOMÉDICOS uma situação vexatória, humilhante e constrangedora, em evidente violação ao princípio da dignidade humana, o que é absolutamente intolerável.

O artigo do professor JORGE MICHALANY traça um paralelo entre o BIOMÉDICO, o OVO e a AVE, em evidente comparação que redundou em deboche e desrespeito aos profissionais da BIOMEDICINA, fruto da arrogância, soberba, presunção e intransigência com o desenvolvimento multiprofissional do setor de saúde no Brasil.

A denominação de “SEMIMÉDICOS” imposta aos profissionais BIOMÉDICOS no artigo do Professor JORGE MICHALANY é ultrajante, imoral e inaceitável, tendo em vista que os referidos profissionais não são SEMIMÉDICOS nem MÉDICOS, são BIOMÉDICOS.

Os médicos, professores e pesquisadores da Escola Paulista de Medicina, mencionados no artigo do professor JORGE MICHALANY, simplesmente de “QUINTETO”, “GRUPO”, “TAIS PROFESSORES”, na verdade, como foi HIPÓCRETES, são médicos, em todos os sentidos, pois certamente destituídos de preocupações desditosas, como a concorrência mercadológica.

O exercício ilegal, tal como atribuído aos profissionais BIOMÉDICOS pelo professor JORGE MICHALANY, constitui mera falácia, pois as atribuições do BIOMÉDICO estão regulamente instituídas pelas Lei nº

6.684/79, nº 6.686/79 e Decreto nº 88.439/83, assim com nas resoluções do CONSELHO FEDERAL DE BIOMEDICINA.

Os profissionais BIOMÉDICOS não merecem o ataque de que foram vítimas a partir do escrito do professor JORGE MICHALANY.

Os profissionais BIOMÉDICOS merecem respeito, assim como os médicos, os enfermeiros, os biólogos, os farmacêuticos, os fisioterapeutas, e bem assim os demais profissionais da área de saúde NÃO MÉDICOS.

Aliás, é bom que se diga que os serviços de saúde, de modo global, impõem a atuação e o exercício multiprofissional e interdisciplinar, o que resulta na inexorável conclusão no sentido de que o relacionamento multiprofissional deve pautar-se por respeito mútuo, inclusive em consideração aos pacientes e usuários.

A Ciência evoluiu e a necessidade de novas profissões não pode mais ser questionada. As atribuições dos serviços de saúde podem e devem ser compartilhadas entre os diversos profissionais dessa área, o que inclusive resta reconhecido pela Resolução nº 287, de 8/10/98, do Conselho Nacional de Saúde, cujo ato elenca e define claramente as profissões da área de saúde, as quais se encontram regulamentadas por lei, com suas respectivas atribuições e habilitações.

Nesse sentido, importa considerar que a BIOMEDICINA é uma das mais novas profissões da área de saúde, mas não menos importante. Ressalte-se, por oportuno, que existem no Brasil, atualmente, cerca de 15.000 (quinze mil) BIOMÉDICOS.

Em que pese o menosprezo dispensado aos profissionais BIOMÉDICOS, o fato é que a área de atuação do BIOMÉDICO é ampla. A profissão oferece um grande leque de opções, sendo certo que uma das atividades de destaque é a pesquisa. O profissional também atua nos campos da análise ambiental, microbiologia, citologia oncológica, parasitologia, imunologia, hematologia, bioquímica, biofísica, banco de san-

gue, virologia, fisiologia, fisiologia geral, fisiologia humana, saúde pública, radiologia, imagiologia, análises bromatológicas, microbiologia de alimentos, histologia humana, acupuntura, genética, embriologia, reprodução humana, farmacologia, psicobiologia, biologia molecular e informática de saúde. A área de análises clínicas é a mais procurada. No Brasil, aproximadamente 80% dos profissionais trabalham no setor.

Hoje, a BIOMEDICINA tem espaço garantido entre as grandes universidades públicas e privadas. O curso superior tem a duração de quatro anos e é realizado em tempo integral. A profissão, ao contrário do que afirmou o professor JORGE MICHALANY, encontra-se regulamentada pela Lei Federal nº 6.684, de 3 de setembro de 1979 e Decreto Federal nº 88.439, de 28 de junho de 1983. Ressalte-se que a Lei nº 6.686, de 11 setembro de 1979, atribuiu ao profissional BIOMÉDICO legitimidade para o exercício das atividades de análises clínico-laboratoriais.

Portanto, a arrogância e os termos truculentos direcionados aos profissionais BIOMÉDICOS, tal como insertos no artigo do professor JORGE MICHALANY, são inoportunos, inadmissíveis e intoleráveis, tanto mais que o escrito tem a assinatura de um intelectual, pois racionalidade, equilíbrio, bom senso e ponderação é o que sempre se espera dos intelectuais.

Com efeito, o que se depreende do artigo do professor JORGE MICHALANY é a preocupação, antes de mais nada, com a concorrência mercadológica, o que fica evidenciada no subtítulo, “O ESQUELETO”, conforme transcrição a seguir “...SE O CURSO DE BIOMEDICINA TIVESSE SIDO EXTINTO, TAL COMO PROPUS EM 1977, SEU IMAGINÁRIO ESQUELETO ESTARIA ENTERRADO NUM TÚMULO COM A LÁPIDE REQUIESCAT IN PACE, SENDO VISITADO, APENAS, PELOS SEUS SAUDOSISTAS CRIADORES.”

O fato é que o curso de BIOMEDICINA permanece vivo, assim como os BIOMÉDICOS, cuja situação causa revolta ao professor

JORGE MICHALANY, pois sua preocupação principal é com a concorrência de trabalho.

O BIOMÉDICO, ao contrário do quanto afirmado pelo professor JORGE MICHALANY, não ocupa o lugar do médico, pois o profissional BIOMÉDICO tem seu lugar assegurado em todos os setores da sociedade e da saúde, cujo profissional desenvolve suas atividades, em hospitais, laboratórios, indústrias, comércio, etc..

Como é bem de ver, resta evidenciado que a preocupação maior do professor JORGE MICHALANY é o mercado de trabalho.

Com efeito, nada justifica a postura do professor JORGE MICHALANY, nem

mesmo a liberdade de expressão e de pensamento, instituída pelo princípio constitucional consagrado no Artigo 5º, inciso IV, da Carta Magna, pois a democracia não pode servir de manto ao ataque vil que ora se combate, tanto mais que é inegável a competência, a capacidade técnica e a importância do profissional BIOMÉDICO no setor de saúde do Brasil, razão pela qual pede vênua o CONSELHO REGIONAL DE BIOMEDICINA 1ª REGIÃO, para consignar que adotará todas as medidas judiciais, juridicamente possíveis e moralmente inatacáveis na defesa dos direitos e prerrogativas dos profissionais BIOMÉDICOS.

As declarações firmadas pelo professor JORGE MICHALANY foram efetuadas de forma unilateral, cuja prática causou reprecensível mal à classe profissional biomédica, do que resultou a presente resposta, com vistas ao imediato restabelecimento da verdade, em oposição e repúdio às falácias, zombarias,, desconsiderações, deboches, menosprezo e demais atitudes desdenhosas compreendidas no artigo do referido professor.

Marco Antonio Abrahão
é presidente do Conselho
Regional de Biomedicina

Professor Jorge Michalany

Guido Arturo Palomba



Sentado: professor Jorge Michalany; em pé, a esquerda, o ilustre criminalista professor Paulo José da Costa Jr., e Guido Arturo Palomba

O professor Jorge Michalany, de quem fui aluno na Faculdade de Ciências Médicas de Santos, nasceu em São Paulo, em 24 de agosto de 1916. Com 89 anos, continua em plena atividade intelectual científica e humanística, tal como demonstram seus artigos e livros sobre *anatomia patológica*.

O professor Michalany graduou-se médico em 1942, pela Escola Paulista de Medicina (EPM), mas desde estudante, a partir de 1939, exercia a clínica e a cirurgia com seu pai, o mé-

dico Nagib Faris Michalany, até o falecimento dele em janeiro de 1946. Disso resultou seu grande entusiasmo pela Medicina, principalmente na área da anatomia patológica, tornando-se monitor da cadeira e depois assistente, até 1947, quando decidiu viajar ao exterior para aperfeiçoar-se na especialidade.

Em 1957, prestou concurso para livre-docência em anatomia patológica, na EPM. Em 1970, tornou-se professor titular, também na EPM, em cujo local permaneceu como chefe de departamento até sua jubilação, em 1986. Foi professor de patologia também na Faculdade de Ciências Médicas de Santos e na Faculdade de Medicina da Unoeste, em Presidente Prudente, além de membro da Organização Mundial de Saúde (OMS). No exterior, estagiou na Université

de Montréal, Canadá, com o célebre professor Pierre Masson; na Columbia University, Nova York, com o patologista cirúrgico Arthur Purdy Stout; e no Instituto Nacional de Cardiologia, México, com o professor Isaac T. Costero, da escola espanhola. Publicou mais de 50 trabalhos científicos em revistas internacionais, recebeu cinco prêmios científicos e, atualmente, é curador do Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina.

De volta ao Brasil, em 1949, o professor Michalany foi contratado para organizar e dirigir o Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa de Misericórdia de Santos, onde proclamou que, em virtude dos progressos da cirurgia, a patologia do vivo suplantava a do cadáver. Para isso, inovou quanto ao local do laboratório, instalando-o no corpo do hospital, próximo ao centro cirúrgico, e não no necrotério, como era a regra no Brasil.

Defensor do médico patologista profissional e contrário ao exercício da patologia por estranhos, por tratar-se de uma matéria exclusivamente médica, conseguiu impedir o ingresso de cientistas não médicos na Sociedade Brasileira de Patologia.

Por ter sido considerado um dos discípulos prediletos do grande mestre francês Pierre Masson, teve a honra de ser homenageado, em 2003, no Musée Masson da Université de Montréal, no qual está exposta a obra científica desse nosso grande patologista brasileiro.

Esta homenagem ao curador do Museu de História da Medicina da APM é o reconhecimento de sua atividade como investigador, educador e defensor do exercício profissional da Medicina.

Guido Arturo Palomba
é Diretor Cultural
da Associação Paulista de Medicina

Analogias em Medicina

José de Souza Andrade Filho

Martelo d'água em cardiologia. O martelo d'água foi um brinquedo muito popular na Inglaterra na era vitoriana, consistindo em um tubo de vidro hermeticamente fechado e parcialmente cheio de água e vácuo. Quando se invertia o tubo, a água precipitava-se bruscamente, chocando-se contra as extremidades e produzindo um som semelhante ao de um martelo. Daí a comparação com o pulso de amplitude aumentada, com onda de percussão súbita, vertical, seguido de queda rápida. É característico da insuficiência/regurgitação aórtica, porém pode também ocorrer durante exercício, em anemias, em dilatação arterial periférica, no hipertireoidismo, na persistência do canal arterial etc. Outras denominações são pulso célere, em bala de canhão, colapsante, em pistão ou em martinete (= grande martelo de forja, movido a vapor ou água, que serve para bater ferro e aço a frio e para distender barras de ferro).

O *pulso em martelo d'água* é ainda referido, especialmente pelos cardiologistas, como pulso de Corrigan (sir Dominic John Corrigan, 1802-1880, médico irlandês em Dublin, que publicou o trabalho *On permanent potency of the mouth of the aorta, or inadequacy of the aortic valves*, *Edinburgh Medical and Surgical Journal*, 37:225-245, 1832). Contudo, a denominação *pulso em martelo d'água* (em inglês *water-hammer pulse*) não pertence a Corrigan; a analogia com a sensação tátil provocada ou sentida com aquele brinquedo é creditada a Thomas Watson (1836). (Baseado em parte em *Epônimos em cardiologia*, Max Grinberg, Adib Jatene e José Antonio F. Ramires – Editores. São Paulo: Rocco, 1999.)

Castanha na genitália masculina. A próstata – sede freqüente de doença benigna e maligna – é uma glândula cuja forma e tamanho se comparam habitualmente aos de uma castanha, pesa em torno de 20g no adulto normal e mede cerca de 3cm de comprimento. A forma, como a de uma castanha, é de um cone invertido, com a base no colo da bexiga e o ápice no diafragma urogenital. É constituída por numerosas glândulas túbulo-alveolares incluídas em massa de músculo liso e tecido conjuntivo (Céu Coutinho, *Dicionário Enciclopédico de Medicina*, Ham – Histologia, 6. ed.).

Descrita e nomeada por Herophilus, segundo alguns, e por Erisistratus, segundo outros, o termo próstata (do grego *pro* = diante de + *stemi* = colocar) significa literalmente *colocar-se* ou *situar-se diante de*, ou *o que está adiante* (para uns, subentendendo-se antes da bexiga e, para outros, antes dos testículos).

Em épocas remotas, o termo foi aplicado a alguém que era um chefe ou líder, um homem de linha de frente, como também a um bispo ou a um oficial – presidente. Foi também conhecido como *glandulosae parastatae*, isto é, situando-se “próxima ou ao lado”, criando certa confusão. Aristóteles mencionava a “próstata varicosa”, referindo-se às vesículas seminais. Galeno usou o termo “prostata” coletivamente para a próstata e as vesículas seminais.

Bartholin foi um dos que adotou o termo próstata no seu emprego moderno (Skinner, H. A. *The origin of medical terms*. 2. ed. Carvalho, LG. História da Anatomia Humana. Coopmed, Belo Horizonte).

José de Souza Andrade Filho

é patologista, membro da Academia Mineira de Medicina e professor de anatomia patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

A Ave Maria: a de Gounod e a do sanfoneiro

Arary da Cruz Tiriba

Acordeão, o meu instrumento favorito. Já cinquentão, iniciei o aprendizado na sanfona malconservada de segunda mão. Sonhara em executar a Ave Maria – a de Gounod –, o que me transporta ao ouvi-la.

Quando a mãe expirava, desci a Santos para estar presente e apertar sua mão ao seu último suspiro. Foi sepultada durante a linda e quente manhã portuária no saibro da necrópole – vistas para os guindastes do cais santista. Da caixara Jacintha, humilde, de poucas letras, mas comunicativa e invariavelmente prestativa, sabia de seu orgulho por fazer, do filho, o médico e o professor. Decidi-me a prestar, à genitora, duas homenagens que passo a descrever.

A primeira. De volta a São Paulo, às 14 horas do dia do enterro, compareci à Escola Paulista de Medicina para ministrar a aula da programação. Apenas um aluno, um só!, que não fora inteirado da nota de falecimento da mãe do professor e da dispensa do corpo discente. Imaginem sua surpresa (o jovem não tinha como escapar e gozar a folga inesperada), mas foi a preleção que preferi – dedicada à mãe –, para um aluno só! Com a maior empolgação! Como se lotado o anfiteatro. Cumprida a primeira homenagem...

A segunda. Desastrosa, catastrófica! Cisme que tocara, durante a missa de sétimo dia, a Ave Maria de Gounod em homenagem à mãe; ela fora em vida profundamente fiel à religião. Desci a Serra, diretamente para a igreja, com o pesado instrumento, o qual considero orquestra completa. No coro frontal, dirigi-me aos músicos e cantores. Pedi-lhes permissão para tocar a Ave Maria, durante a celebração. Desconfiados, olharam-me estranhamente, pois não sabiam quem eu era nem de onde vinha. Contudo, fizeram a concessão (gratificante): tocara ao final da cerimônia, depois da retirada dos musicistas...

Terminada a missa – saudações dos fiéis entre si –, iniciei a execução. Mas aconteceu o imprevisto: olhos a verter lágrimas tornaram impraticável a leitura da partitura! Errei, destoei, fracassei! Sorte minha, ninguém prestou atenção, porque o templo (São Benedito), moderno, amplo, inteiramente cheio, impedia que a composição sacra, sem amplificador, enchesse a nave com o som. Assim, ninguém se fixou no sanfoneiro de olhos chorosos e nariz vermelho – “mero” e inoportuno resfriado –, o qual, provavelmente, exercitava-se para o próximo ofício. Ufa! Mas saí feliz por ter cumprido o propósito.

O fato extraordinário! À manhã imediata, muito cedo, o telefone me despertou. Era o *Signore* Giorgio D’Amore, experto comerciante italiano de instrumentos musicais. Disse-me algo mais ou menos assim: “Professore, trago d’Italia una fisarmonica Scandalli, elettrificata, bellissima, quarta voce; fatta per il Dottore. Non la vendo, prima che il Dottore la guardi...” (*Dante Alighieri: scuzame pela ignoranza de questo indigena de tuo meraviglioso idioma*). Dessa forma, adquiri a novíssima e preciosa *Scandalli* de concerto (a infinidade de recursos sonoros: piano, órgão, violino, clarinete, *musette*...).

A Ave Maria, de Gounod, interpretada pelo médico, professor e sanfoneiro, fora captada no céu! Perdoa, mãe, solenemente te participo da minha terceira resolução. Teu filho jamais voltará a tocar em público a harmoniosa melodia. Só na intimidade, o solo! Como a aula para o aluno único – solo, de acordeão, para ti sozinha.

Arary da Cruz Tiriba

é médico, professor titular
(aposentado, em atuação voluntária)
da Unifesp/EPM e membro emérito
da Academia de Medicina de São Paulo

A missiva

Mario de Mello Faro

Assim, do nada, princípio de tudo, tira-se algo ou pretende-se tirar algo.

Foi-se o tempo em que a manifestação escrita era o espelho do sentimento interno de alguém. Alegria!!! Tristeza!!! Melancolia!!! Desprezo!!! Megalomania!!! – enfim, a exteriorização do ego... sem precisar de analista.

Você poderá perguntar... por que tudo isso? Terá ou não resposta... tal qual o poeta... palavras ao vento.

Todavia, apesar de ser ao vento, tem um conteúdo a ser analisado, interpretado, discutido, valorizado ou desprezado e encaminhado para a cesta do lixo.

Ou, então, representa uma mensagem de carinho, alegria, satisfação, bem-estar etc. carregando consigo poder, vitalidade, expressão, força, dinamismo etc.

Qualquer que seja o caminho a ser trilhado, o conteúdo da missiva representa, de certa forma, a ebulição do sentimento interior.

Tal qual um “tsunami”, para usar expressão do momento, pronto para explodir, inundar, destruir, arrasar e matar...

Sacrificar vidas, sem indicar a razão dessa violência, é procedimento hostil e devastador.

Assim, poderíamos saltar de palco em palco e representar no teatro da vida os dramas, as tragédias, as alegrias e os prazeres vividos. Entretanto, continuo a escrever... sem dizer nada... ou dizer pouco... apenas escrevo... sem transmitir coisa alguma.

Quando alguém se propõe a elaborar determinada mensagem, tem a significativa intenção de transmitir algo... e esse algo, representando o âmago da questão, é variável, de interpretação diversa, transmitindo mensagens específicas.

Todos nós, ou grande parte de nós, quando escrevemos, procuramos colocar no papel a nossa forma de pensar e de agir.

Então, surgem os porquês!!! Por que você escreveu? Qual a finalidade? Que mensagem pretendia transmitir... uma infinidade de dúvidas.

Mario de Mello Faro
é médico pneumologista

Passado

Afiz Sadi

I

Alterosas infinitas
Saudades incontidas
Sonhares do sem fim
No crepúsculo da vida

II

Mocidade revivida
No espaço esvanecido
No desejo perquerido
De um passado fugidio

III

São contas esvaídas
Que os tempos não trazem mais
São almejos todos idos
Nas lembranças desvanecidas

IV

Nesses tempos desvairados
Dos sonhos nos espirais
A mente alando incessante
Feriu o amor p'ra nunca mais

Quem sou?

Walter Argentio

Humano sonhador ou pólipio
disforme,
O vírus da tristeza ou lírico
poeta,
Anátema vagante ou farfalhão
enorme,
Jogral ensandecido ou colossal
profeta?

Será que inútil sou? Não há quem
me transforme,
De servo da neurose em fronte
que se aquieta,
De estúpido vivente em sofredor
conforme,
Este ambulante roto em ser que
se completa?

Se tenho um coração e tanjo o
pensamento,
Se vibro de emoção, amando ou
sendo amado,
Sou homem integral, sou luz no
firmamento!

De entranhas eu nasci. De tudo
me alimento,
E choro e canto e rio – Um ser
abençoado!
– Sou filho do bom Deus: Este é
o meu testamento!

Equilíbrio

Carlos Alberto Pessoa Rosa

quero sua carne
como uma figura apolínea
mas que permita
todas as paixões penetrantes
quero tocá-la com respeito
mas também apalpá-la e mordê-la
como se faz com alimento
desejo-a UNA
uma doce ilusão só possível
no poema

Filosofar poético

Carlos Alberto Pessoa Rosa

o poema
não rouba os objetos do mundo
como faz a pintura
apenas dialoga com aparências
sem rivalidades estéticas
ou preocupações
com a verdade
o poema será sempre obra
do imaginário
mesmo que se desdobre
e se aposses de toda essência
e lógica

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.